

ESTADO DE SÃO PAULO
27 FEV 1990

A nova ideologia da educação

EMIL FARHAT

A morte ou fracasso das ideologias que faziam praça de compromisso com o bem-estar das massas ofereceu, sem dúvida, para os povos de países subdesenvolvidos, a aparência de vácuos abertos, nos horizontes políticos. Nestas nações, milhões de seres desprotegidos e despreparados ficam sem as esperanças, ainda que falsas, com que lhes acenavam os líderes messiânicos, que cada um daqueles agrupamentos sempre primou em forjar, agigantar e cultuar.

Ampliando a angústia desse vácuo, num nível mais alto da população, vagueiam desarvorados os espíritos predispostos ao engajamento nas batalhas cívicas, mas agora órfãos dos führers, dos duces ou dos pais-dos-povos.

Essa orfandade político-social das massas populares pode parecer irreparável num país onde 75% da população adulta, incapacitada pela ignorância, não tem vez nem voz. Onde o estatismo, protegido pelo farisaísmo da Segurança Nacional e da chantagem do patrimônio nacional, montou uma das maiores máquinas de espoliação popular, fora dos países totalmente socialistas. E cujo capitalismo, pelas mãos e manhas do compadrio, se viciou às tetas do Estado e aos lucros máximos pelo mínimo de mercadorias.

Pode parecer que não apenas essas multidões de pedestres e semi-naufragos, mas também os idealistas isentos que desejariam ajudá-las a se desilharem das condições da miséria, estão sem balsa nem pontes, sem solução nem esperanças.

Lamentavelmente, não é muito promissora a feira de idéias na praça pública. Nossa classe política, quase sempre intelectualmente despreparada, apresenta-se como timoneira insegura. A ela se debita um currículo nada alentador, de freqüentes mudanças e barganhas de pouso e ideais. Pior, está sempre disposta a demitir-se de todas as lutas e obrigações cívicas que não assegurem voto fácil e imediato.



Por falta de aprofundamento teórico, ela se mostra perplexa quanto às origens do que possa ter provocado o cataclismo político que sacudiu o outrora fortificado e petrificado mundo socialista.

A intenção, já ensaiada por algumas lideranças, é correr atrás dos despojos eleitorais que redundarão da hecatombe. Vários próceres procuraram codificar o que poderá subsistir das ruínas, e do pó que delas se levanta.

Sobre o que resta do marxismo-leninismo, alguns já decifraram o perfil das novas idéias que abraçarão ou reafirmarão, antes de qualquer aventureiro: a social-democracia.

Mas até que profundidade pode atingir esse social da social-democracia, num país subdesenvolvido, onde multitudinários três quartos da população adulta estão submersos sob todas as limitações, deficiências e carencias oriundas da ignorância?

Tudo o que se faz por uma população tão extensamente pobre, tão permanentemente pobre, terá de ser proporcionado de novo, em cada dia seguinte. Aí estão, irretorquíveis, embora intermitentes, cem anos (desde dom Pedro II) de ajuda ao Nordeste rural — e as seus maciços 80% de adultos analfabetos.

Cairíamos no redemoinho do Estado assistencialista, paternalista, protetor e senhor de todos: o mesmo arcaizado e fracasso do Estado socialista que, para prometer tanto para tanta gente, montaria sua máquina gigantesca, assumiria a gerência de tudo. Como nos países onde tudo isso acaba de ruir.

Se não devemos jamais abandonar nossos pobres à sua pobreza e miséria, que fazer então? Aí, aportamos àquela sabedoria milenar, do apólogo dos peixes, pela qual governos, sábios, estadistas, Igreja e revolucionários de todos os matizes passaram, ao longo dos séculos, sem atentar para seu imenso e profético significado: é preciso ensinar a pescar.

Ensinar urgentemente. E de todas as formas. A todos, de qualquer idade, a quem nossos governos dos dois Impérios, de todas as Repúblicas — da Revolução de 30, do Estado Novo, do Estado Autoritário e da Nova República —, por insensibilidade, omissão, incompetência e, principalmente, por burrice, deixaram de ensinar.

**É
preciso
ensinar
a
pescar**